

CARTOGRAFIA DOS USOS DO CORPO-SI NA CIRCULAÇÃO DE SABERES E VALORES DA ENGENHARIA CIVIL EM UM PROGRAMA NO YOUTUBE

Junio César Florentino¹, Admardo Bonifácio Gomes Júnior²

juniocesarflorentino@gmail.com, admardo.jr@gmail.com

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

III Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2023

Resumo. Neste estudo cartografamos os usos do corpo-si na circulação de saberes e valores da engenharia civil em um programa no YouTube. O objetivo é analisar criticamente, à luz da perspectiva ergológica, como o corpo-si mobiliza e dissemina saberes e valores nesse espaço virtual colaborativo. Para isso, elaboramos uma cartografia no intuito de localizar e mapear os usos do corpo-si nos registros audiovisuais, nas interações virtuais e nos comentários publicizados no chat do programa buscando identificar os assuntos trabalhados, os agentes envolvidos e os desejos circulantes. Os resultados expressam a complexidade dos usos do corpo-si na esfera digital, a diversidade de saberes presentes no programa investigado, as áreas do conhecimento mais abordadas e os valores compartilhados para sua audiência. A análise das interações e comentários nas lives do programa hospedado no YouTube suscitou uma visão abrangente dos fluxos de engajamento e cooperação nessa rede de compartilhamento. Conclui-se que a cartografia dos usos do corpo-si na circulação de saberes e valores em um programa de engenharia civil é relevante para entender a dinâmica de produção, circulação e usufruição do conhecimento na plataforma sociodigital YouTube. Tal compreensão elucida as práticas horizontalizadas de aprendizagem colaborativa, promovendo uma reflexão crítica sobre o papel dos interagentes na formulação, construção, transmissão e apropriação do conhecimento produzido socialmente no campo da engenharia civil nos ecossistemas interativos online.

Palavras-Chave. Corpo-Si, Saberes e Valores da Engenharia Civil, YouTube.

¹ Mestre em Educação Tecnológica pelo PPGET/CEFET-MG.

² Doutor em Educação e Professor do PPGET/PPGA/DCSA/CEFET-MG.

Abstract. *In this study, we mapped the uses of the self-body in the circulation of civil engineering knowledge and values in a program on YouTube. The objective is to critically analyze, in the light of the ergological perspective, how the self-body mobilizes and disseminates knowledge and values in this collaborative virtual space. For this, we elaborated a cartography in order to locate and map the uses self-body in the audiovisual records, in the virtual interactions and in the comments published in the program's chat, seeking to identify the subjects worked on, the agents involved and the circulating desires. The results express the complexity of the uses of the self-body in the digital sphere, the diversity of knowledge present in the investigated program, the most approached areas of knowledge and the shared values for its audience. The analysis of interactions and comments on the program's lives hosted on YouTube gave rise to a comprehensive view of engagement and cooperation flows in this sharing network. It is concluded that the cartography of the uses of the self-body in the circulation of knowledge and values in a civil engineering program is relevant to understand the dynamics of production, circulation and enjoyment of knowledge on the socio-digital platform YouTube. Such an understanding elucidates the horizontal practices of collaborative learning, promoting a critical reflection on the role of interactors in the formulation, construction, transmission and appropriation of socially produced knowledge in the field of civil engineering in online interactive ecosystems.*

Keywords. *Self-Body, Civil Engineering Knowledge and Values, YouTube.*

Resumen. *En este estudio, mapeamos los usos del cuerpo-sí en la circulación de conocimientos y valores de Ingeniería civil en un programa en YouTube. El objetivo es analizar críticamente, a la luz de la perspectiva ergológica, cómo el cuerpo-sí moviliza y difunde conocimientos y valores en este espacio virtual colaborativo. Para ello, elaboramos una cartografía con el fin de ubicar y mapear los usos del cuerpo-sí en los registros audiovisuales, en las interacciones virtuales y en los comentarios publicados en el chat del programa, buscando identificar los temas trabajados, los agentes involucrados y los deseos circulantes. Los resultados expresan la complejidad de los usos del cuerpo-sí en el ámbito digital, la diversidad de saberes presentes en el programa investigado, las áreas de conocimiento más abordadas y los valores compartidos por su audiencia. El análisis de las interacciones y comentarios sobre las lives del programa alojado en YouTube dio lugar a una visión integral de los flujos de participación y cooperación en esta red de intercambio. Se concluye que la cartografía de los usos del cuerpo-sí en la circulación de saberes y valores en un programa de Ingeniería civil es relevante para comprender la dinámica de producción, circulación y disfrute del saber en la plataforma socio-digital YouTube. Tal comprensión dilucida las prácticas horizontales de aprendizaje colaborativo, promoviendo una reflexión crítica sobre el papel de los interactores en la formulación, construcción, transmisión y apropiación del conocimiento socialmente producido en el campo de la ingeniería civil en ecosistemas interactivos en línea.*

Palabras clave: *Cuerpo-Sí, Conocimientos y Valores de la Ingeniería Civil, YouTube.*

1. Introdução

A produção massiva de conteúdos audiovisuais e o engajamento frenético dos usuários intensificam-se diariamente nos ambientes virtuais. Os internautas acessam as plataformas sociodigitais³ buscando informações eficientes que produzam resultados nas suas atividades educacionais, instrucionais, profissionais e recreacionais. Os produtores de conteúdos querem veicular, amplificar e monetizar suas criações audiovisuais nas redes sociais. A informação assertiva mobiliza desejos, interesses, saberes e valores dos usuários logados no YouTube, gerando dados que permitem educar algoritmos, recomendar conteúdos e ofertar serviços.

No mundo globalizado e interconectado que habitamos, os dados produzidos e circulados na internet, desempenham papel estruturante no estágio atual do capitalismo, permitindo acesso e geração de conteúdos, fazendo circular saberes e valores nos mais variados ecossistemas virtuais. As evidências indicam que a produção e a circulação de conteúdos em plataformas sociodigitais têm sido estimuladas não só pela possibilidade de monetização, que depende do expressivo engajamento dos usuários no consumo e compartilhamento de tais conteúdos, mas também como um espaço público de dar visibilidade ao que se sabe fazer.

Na circulação de conteúdos audiovisuais em plataformas sociodigitais deparamo-nos com um patrimônio imensurável de saberes que tem servido de forma inédita aos usuários. Hoje é difícil um conteúdo sobre o qual não consigamos algum tutorial que trate do assunto. Por outro lado, tais conteúdos também carregam valores, como por exemplo, do que se convencionou chamar de “sociedade do desempenho”. Ou seja, um tipo de sociedade que dissemina a autonomia, a criatividade e a flexibilidade como requisitos de qualidades humanas essenciais para inserção no mercado (HAN, 2017, 2018).

A plataforma sociodigital – YouTube – se tornou o epicentro da veiculação e do consumo de conteúdos audiovisuais. Relatório⁴ da consultoria Sandvine destaca o YouTube como responsável por 11,4% do tráfego global da internet. Dados⁵ circulados em 2019 pela executiva-chefe do YouTube, Susan Wojcicki, apontam que 2 bilhões de cidadãos-usuários ativos mensalmente na plataforma sociodigital assistem 250 milhões de horas diariamente. É diante dessa conjuntura que colocamos a seguinte questão de

³ Ambientes online que combinam elementos de redes sociais e tecnologia digital.

⁴ Relatório de fenômenos globais da internet – 2023. Disponível em: <<https://cutt.ly/I47eA3d>>.

⁵ Inscritos e tempo de exibição de conteúdos aumentam no YT. Disponível em: <<https://cutt.ly/oN9JaMO>>.

pesquisa: O que uma análise crítica, à luz da perspectiva ergológica, das práticas de produção e compartilhamento de conteúdos no “programa quero construir” exibido no canal “Marcelo Akira!” hospedado no YouTube pode nos desvelar sobre os usos do corpo-si na criação e circulação de conteúdos?

Neste trabalho procuramos respondê-la, analisando criticamente, à luz da perspectiva ergológica, os usos do corpo-si nas práticas de produção e compartilhamento de conteúdos no “programa quero construir” exibido no canal “Marcelo Akira” hospedado no YouTube. Escolhemos mapear tal programa orientados pela possibilidade de cartografar a difusão de normas (endógenas e exógenas), saberes (aderentes e desaderentes) e valores (mercantis e sociais) envolvendo o produtor de conteúdo e os usuários que compõem a audiência do canal durante a realização do programa. Tal produção é direcionada para famílias que almejam informações para construção, reforma e financiamento das suas moradias; discentes que buscam conhecimentos ancorados na experiência profissional do engenheiro civil YouTuber; e profissionais do mercado de obras residenciais que procuram dicas construtivas e cursos de captação de clientes.

O presente trabalho está desenvolvido em três platôs. O platô inicial apresenta a cartografia ergológica – bases epistêmicas e ergológicas – que nortearam o percurso metodológico e o mapeamento dos usos do corpo-si do YouTuber. No segundo platô, os usos do corpo-si do YouTuber serão analisados como forma de demonstrar a circulação de saberes e valores. No terceiro platô, à guisa de conclusão, apresentaremos nossas reflexões sobre os usos do corpo-si na veiculação de conhecimentos demandados pelos usuários do programa em tempo real.

2. Cartografia ergológica como método de pesquisa

A ergologia tem suas bases na relação do ser humano com o meio, no diálogo entre os saberes formalizados e produzidos no trabalho e na análise da relação ser humano-labor. Ela entende que o agir humano reflete uma conduta rebelde frente à previsão e ao cálculo. Isso porque os seres humanos não tomam como autênticas normas exógenas, mas sim as condições de trabalho que eles mesmos disporiam referenciadas em valores próprios e não emulados. É que o seu meio de labor, classificado como normal, seria aquele realizado por eles, “a eles mesmos, para eles mesmos” (CANGUILHEM, 2001, p. 120). Os

indivíduos querem ser produtores de normas, circuladores de saberes e difundidores de valores nos coletivos – engendrando e acumulando patrimônios indispensáveis no seu labor. Hoje em dia, as normas produzidas e circuladas pelo capitalismo financeirizado buscam instrumentalizar o agir humano, omitindo as inconsistências do meio e as reservas de alternativas criadas pelos trabalhadores nas suas atividades (SCHWARTZ, 2004).

O agir humano na atividade laboriosa está regulado por normas exógenas e endógenas. Tais normas tanto podem ser exteriores aos seres humanos – impostas ou assumidas – quanto ser originadas no próprio indivíduo – geradas na atividade laboral. A humanidade produz e circula normas objetivando suplantar as vicissitudes nas atividades laborais. Laborar “coloca em tensão o uso de si requerido pelos outros e o uso de si consentido e comprometido por si mesmo” (SCHWARTZ; DURRIVE, 2018, p. 28). A valorização social do sujeito, reescrevendo normas socialmente construídas, permite projetar na sociedade suas ambiguidades – o que se tem de mais intrínseco e divergente dentro de si. O ser humano ao circular necessidades e desejos, “busca um equilíbrio precário em sua vida psíquica através de objetos como o trabalho, suscetíveis de apaziguar suas contradições” (REVUZ; NOËL; DURRIVE, 2010, p. 225).

Assim, de um ponto de vista ergológico podemos afirmar que os seres humanos tomam suas decisões – orientados por normas e valores. E são os valores que norteiam a atualização das normas, ou seja, as renormalizações. As renormalizações, ocorrem quando surge uma incompatibilidade entre os valores que atravessam as normas que antecedem o trabalho e os valores dos seres humanos, sucedendo, então, o debate de normas na atividade laboriosa. O conhecimento das normas e a capacidade de renormalizá-las são expressos em forma de saberes que a ergologia, classifica-os como: saberes constituídos (científicos ou não, previamente codificados em desaderência às situações de trabalho) e os saberes investidos (em aderência às situações de trabalho). Ao agir, nenhum ser humano escapa de um debate privado com os saberes e os valores (SCHWARTZ, 2009).

O corpo-si é um dos conceitos fulcrais da ergologia, trata-se do ser humano em atividade – arbitrando e incorporando o social, o psíquico, o institucional, as normas, os valores, a relação com o tempo. O “si” está atravessado por construções sociais, normas, saberes e valores. É o corpo-si que arbitrará e gerará as variabilidades que são constantes no território. É o corpo-si que vive as dramáticas do uso que é feito do ser humano (pelas normas antecedentes) e aquele que ele faz de si mesmo (renormalizações). A forma como

se arquiteta a vinculação entre os dois sentidos do “uso” significa muito para perquirição sobre o sujeito. “O corpo é um enigma: oposto à mente, ao pensamento, ele não fala, não se diz e, no entanto, faz, age para que se possa viver” (SCHWARTZ, 2019, p. 141). O corpo-si é o mediador ao mesmo tempo mais interior e exterior da atividade laboriosa. Ele não é um indivíduo delineado, nítido, nem uma entidade hermética que subsiste às experiências de ser materializado. A “vida social supõe normas, leis, regras homogêneas para a vida em comum, e os corpos são, como ameaça latente, uma reserva inesgotável de heterogeneidades” (p. 141). O corpo-si vivencia de forma dramática todos os debates de valores e normas que perpassam a ordem do político, do mercado, da ética e das relações interpessoais – interessa-nos pensá-las a partir do agir humano nas plataformas sociodigitais. O agir humano nesses locais produz e circula inúmeros dados informacionais no formato de produtos audiovisuais que geram interesse mercantil e social.

Os meios digitais, como toda expressão do desenvolvimento da humanidade, são o resultado da produção humana com suas referências coletivas e simbólicas. Tais referências coletivas são essenciais para que os seres humanos possam agir e compartilhar o mundo, amalgamando-se em uma obra coletiva. A ergologia ressalta o fato de a história individual estar vinculada à história social. Frequentemente os discursos circulantes nos territórios naturalizam a organização social e seus estímulos, “como se certos dados se impusessem enquanto eles se apresentam como proposições” (REVUZ; NOËL; DURRIVE, 2010, p. 237), como se retirasse do “debate a obra humana, produto de algumas escolhas” (ibid.). A construção de leituras inéditas do território digital é resultante desta postura, suscitando uma dialética circular que visa debater os conhecimentos inerentes às atividades e aqueles codificados pela sociedade. As renormalizações empreendidas pelos seres humanos nas suas atividades laborais possibilitam a realização das tarefas circuladas pela sociedade e uma análise crítica das normas antecedentes – instituindo reservas de alternativa. Tais reservas são construídas ao longo do tempo, a partir das vivências e conhecimentos acumulados pelo corpo-si. As “reservas de alternativa só podem evoluir por meio de projetos sempre construídos parcialmente na aderência” (SCHWARTZ, 2009, p. 272). O que se quer aqui destacar é que sempre o corpo-si compartilha o mundo tendo, em alguma medida, margens para refletir e negociar sua evolução. Tal evolução expressa seus debates de normas e valores, suas renormalizações. Há sempre a necessidade de se evidenciar e atualizar tais debates, indispensáveis na produção de nossa vida comunitária.

2.1. Elementos conceituais para nossa cartografia ergológica

Os mapas são tecnologias que servem tanto às ações de dominação e expropriação quanto aquelas de libertação e emancipação. Hoje em dia, precisamos desenvolver novas cartografias que nos permitam visualizar e entender este novo e recém explorado território: o de um mundo digitalizado onde os comportamentos humanos são o tempo todo minerados, tratados e negociados. Precisamos também, além disso, visualizar melhor as formas de extração de forças de trabalho, saberes e valores que tais atividades ensejam no ambiente digital. Pois, como nos lembra a ergologia:

[...] estamos obcecados pelas novas tecnologias, a ponto de recair no mito de um trabalho que se faria sem o homem. Na realidade, quanto mais os robôs se multiplicam, mais contamos com o humano para dele tirar partido, porque a vida não se deixa programar (DURRIVE; JACQUES, 2010: 305).

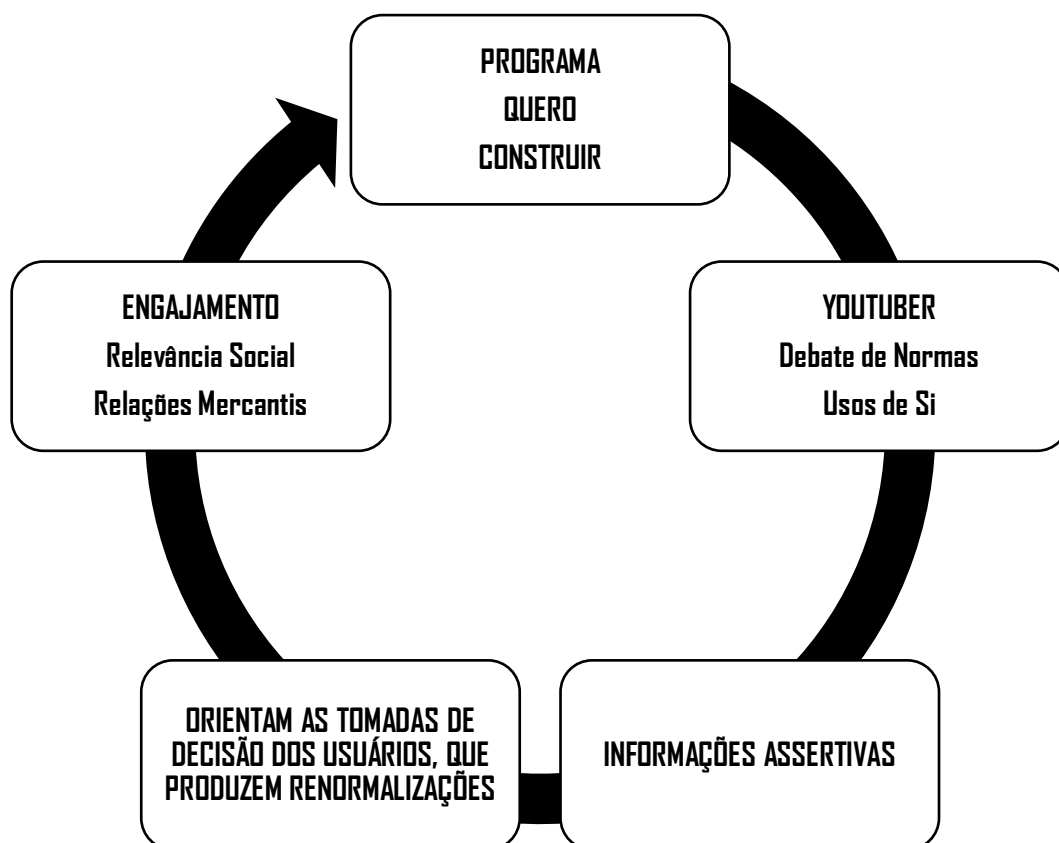
Propomos assim, como estratégia metodológica para dar visibilidade aos usos do corpo-si na circulação de saberes e valores em uma plataforma sociodigital, o que passaremos a chamar de uma “cartografia ergológica”. O faremos sobre uma produção audiovisual (“programa quero construir”) exibida no canal “Marcelo Akira” hospedado no YouTube, inspirado no livro “Atlas da inteligência artificial: poder, política e os custos planetários da inteligência artificial”, ainda não traduzido para o português, de Kate Crawford (2021). A obra rastreia, mapeia e analisa as infraestruturas (físicas e digitais), as relações (políticas e econômicas) e os impactos socioambientais da inteligência artificial no planeta.

É a partir dos conceitos ergológicos e do atlas da inteligência artificial (CRAWFORD, 2021) – como brevemente apontado acima –, que propomos aqui alguns elementos conceituais para engendrar nossa cartografia ergológica. Nossa cartografia ergológica toma alguns conceitos como “pistas ergológicas” que nos serviram como categorias de análise. Tais pistas apontam para lugares (vivenciados em usos de si) onde há debates de normas relativos, tanto a saberes (constituídos versus investidos, em aderência versus em desaderência), quanto aos valores (com dimensão versus sem dimensão, orientados ao mercado versus orientados ao bem comum). Essas são as pistas ergológicas, ou categorias de análise, com as quais norteamos o trabalho desta pesquisa no delineamento e evidenciação dos usos do corpo-si que operam a circulação de saberes e valores nas *lives* do “programa quero construir” disseminados no canal “Marcelo Akira”.

2.2. A escolha do “programa quero construir”

Escolhemos, para o presente estudo, *lives* do “programa quero construir” sobre consultoria gratuita para quem deseja construir sua moradia orientados pela possibilidade de acompanhar a intercambialidade de saberes, valores e normas entre o corpo-si do produtor de conteúdo e a audiência do canal “Marcelo Akira”. As *lives* dominicais do “programa quero construir”⁶ são voltadas essencialmente para famílias que almejam informações para construção ou reforma de suas moradias, embora também sejam acompanhadas por estudantes e profissionais da indústria da construção civil. Os espectadores buscam por conhecimentos que orientem suas tomadas de decisão na resolução de conflitos envolvendo prestadores de serviços, nas etapas construtivas da obra e nos seus trâmites burocráticos. O modelo esquemático do “programa quero construir” pode ser observado abaixo:

Figura 1 – Programa quero construir



Fonte: Elaborado pelos Autores (2023)

⁶ Disponível em: <<https://cutt.ly/YZlfezO>>.

Acompanhamos dez *lives* do “programa quero construir”, nas suas edições #31; #34; #35; #36; #37; #38; #39; #40; #44; e #47, totalizando 1044 minutos – visando a localizar as motivações do produtor de conteúdo; os engajamentos da audiência do canal “Marcelo Akira”; as dramáticas de uso do corpo-si do produtor de conteúdo; a dialética entre os saberes formais e informais; e as tensões entre os valores mercantis e os valores sociais representadas nestes produtos audiovisuais.

3. Usos do corpo-si expressos no “programa quero construir

Marcelo Akira, engenheiro civil e fundador do canal, é solicitado pelos usuários a disponibilizar seus patrimônios epistêmicos, praxiológicos e axiológicos na resolução de problemas cotidianos – abrangendo questões administrativas, éticas, políticas e técnicas. As *lives* do “programa quero construir” são fundamentais tanto para o desenvolvimento do canal quanto para a captação de clientes – usuários que almejam projetos residenciais. As demandas veiculadas pelos usuários e tratadas pelo corpo-si do engenheiro envolvem conhecimentos regulatórios, saberes técnicos, princípios éticos e valores políticos. Akira vai agir para orientar os espectadores do “programa quero construir” na busca de soluções para suas demandas cotidianas, disseminando conteúdos informativos que serão indexados na lista de reprodução do canal. Tais conteúdos vão gerar debates de normas, tensionando os valores circulantes, exigindo novas formas de reinterpretação do conhecimento.

O YouTuber na apresentação do “programa quero construir” enfatiza o valor da informação no desenvolvimento social. Os saberes e valores compartilhados no canal ensejariam a construção de moradias mais seguras e adequadas para o ser humano, reduzindo a quantidade de problemas para gerir no futuro. Na vinheta introdutória da *live* do “programa quero construir #31”⁷ – circulam depoimentos de seguidores do canal apontando elementos essenciais – integrada, tranquilidade, conforto, espaçosa e com piscina – na construção que culminarão na “casa dos sonhos”. A construção da “casa dos sonhos” é um processo que amalgama as experiências, desejos e valores da audiência. Difundem-se saberes, valores e normas – ressaltando o objetivo do programa em mentorar e guiar os cidadãos-usuários tanto no processo de concepção do projeto residencial quanto na construção de suas moradias singularizadas.

⁷ Ver minutagem (00:07:55 até 00:09:50). Disponível em: <https://youtu.be/hDMQD_QOQRU>.

O influenciador digital pede o engajamento da audiência nas *lives* após terem suas questões dirimidas, estimulando-os a responderem o que acharam das respostas e postarem uma figurinha chamada “ajudôncio” como prova da utilidade da informação técnica circulada. O envolvimento da audiência é crucial para aumentar o interesse na dinâmica do programa. A relação entre o corpo-si do produtor de conteúdo e os usuários é regulada por um desejo pela informação definitiva – incertezas, hesitações e margens de erros não fazem parte do roteiro do programa. O ser humano ao seguir as prescrições – perguntar no chat objetivando a informação esclarecedora – adequar-se-á a jornada em busca da assertividade – tomada de decisão baseada em dados informacionais. O corpo-si e o território digital se amalgamam na produção de conhecimentos inéditos – os saberes são retrabalháveis, os valores são reelaboráveis e as reservas de alternativas são circuláveis. Onde há usos, há deliberações resultantes dos debates de normas alicerçados no mundo de valores (SCHWARTZ, 2004, 2009, 2019).

A *live* da trigésima primeira edição do “programa quero construir” foi realizada no dia 22 de agosto de 2021. O programa inicia com o engenheiro civil Marcelo Akira relatando o desafio na produção da *live* – organizando e ajustando os dispositivos tecnológicos; coordenando e respondendo às perguntas da audiência publicadas no chat; e mobilizando os espectadores. O YouTuber está sem o apoio da assistente de produção do canal e as dramáticas de uso do corpo-si são externalizadas aos 125 cidadãos-usuários que acompanham a *live* no canal “Marcelo Akira” hospedado no YouTube:

Hoje eu vou ter que me virar nos trinta, vou ter que monitorar se está tudo certo na *live*. Eu vou ter que responder sua pergunta. Eu vou ter que olhar as perguntas e colocá-las na tela. Então, eu peço um pouquinho de paciência, eu peço que se divirta comigo nesta manhã de domingo. Lá fora tá passando muita moto, muito carro, vocês ouvem esse barulho, esse barulho atrapalha vocês ou segue o jogo?⁸

Tais vicissitudes permitem ao corpo-si do influenciador digital mobilizar os seus patrimônios epistêmicos, praxiológicos, os valores, o histórico, entrar em debate com as normas e construir suas próprias normas de vida para enfrentar o território e difundir saberes e valores da engenharia civil na plataforma sociodigital (YouTube) para a audiência do “programa quero construir #31”. Após os ajustamentos de áudio e som, a dinâmica de perguntas e respostas da *live* tem início com a leitura das questões publicadas

⁸ Ver minutagem (00:15:33 até 00:16:05). Disponível em: <https://youtu.be/hDMQD_QOQRU>.

no chat pelos cidadãos-usuários – espectadores, inscritos ou membros do canal que se identificam como famílias que almejam construir; estudantes e egressos de cursos técnicos e superiores; e profissionais do setor construtivo – e posterior respostas elaboradas pelo engenheiro civil.

Durante a dinâmica de perguntas e respostas da *live* do “programa quero construir”, em sua edição #34, ocorre a leitura da questão publicada no chat por um membro do canal, que se identifica como engenheiro civil e na sequência a resposta elaborada pelo criador de conteúdo:

Engenheiro Civil Juliano: Bom dia, olha essa situação: Cliente quer contratar o serviço com recurso limitado, porém, já derrubou 3 árvores sendo duas nativas araucárias. E agora, avisa a prefeitura?

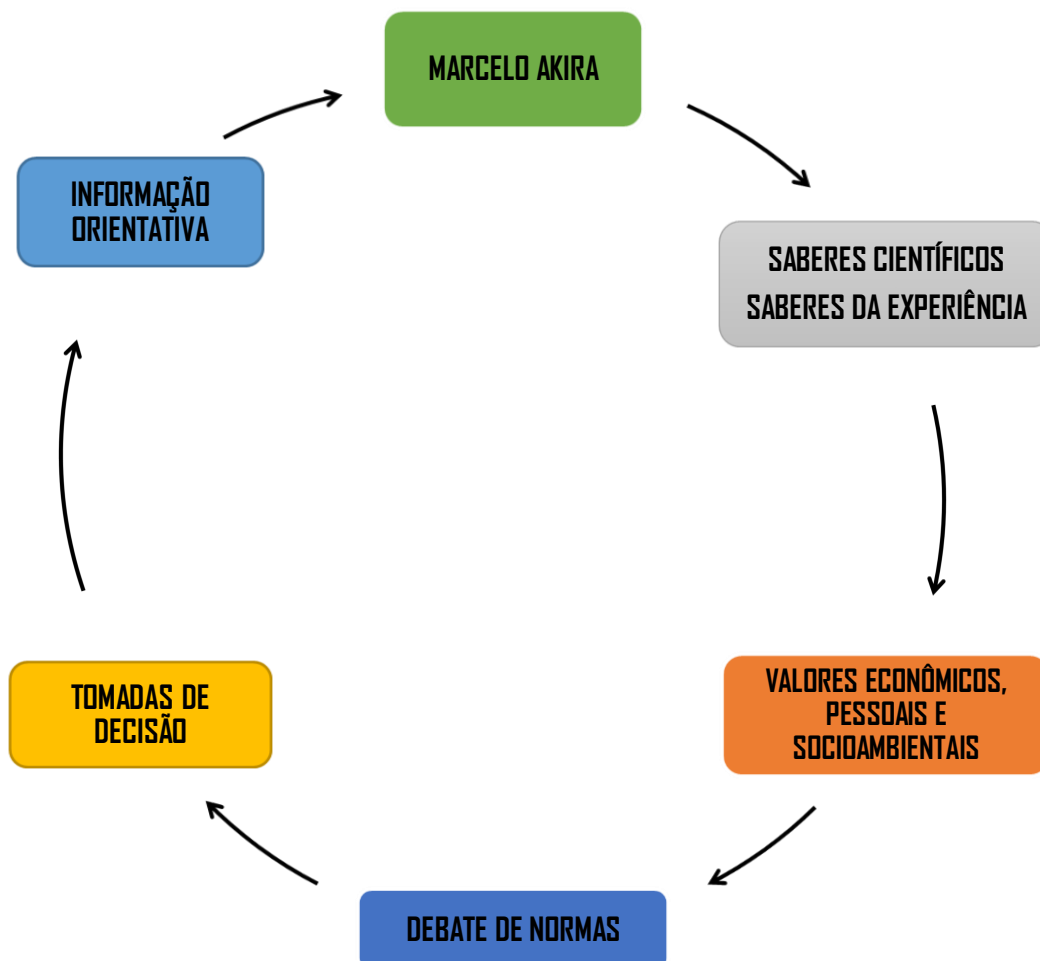
Engenheiro Civil Marcelo Akira: Teoricamente a prefeitura tem mapeado essas árvores. E agora? Pode ser que na hora que você mande o projeto a prefeitura detecte isso. Eu conversaria com o cliente e deixaria bem claro o problema que ele vai ter.⁹

A interação *online* permite observar “o peso daquilo que chamamos de valores de mercado, em contraponto aos valores que justamente não são mensuráveis em termos de dinheiro” (SCHWARTZ; DURRIVE; DUC, 2010b:199). O corte de árvores preservadas e o orçamento limitado da obra produzem uma dramática que perpassa questões locais e globais. O engenheiro civil Marcelo Akira gere essa variabilidade apontando para uma resolução que passe por um debate entre os valores mercantis – indispensáveis para o avanço físico da obra e suas limitações orçamentárias – e os valores socioambientais, a preservação da natureza e o dilema que gerará na comunidade, as multas vindouras da administração pública que o cliente do cidadão-usuário arcará e um possível indeferimento do projeto residencial pela secretaria de obras urbanas culminando na inviabilidade ambiental e econômica da obra.

A informação orientativa desejada pela audiência do canal “Marcelo Akira” é resultante da dialética estabelecida entre o uso de si por si e do uso de si pelos outros. O mapa dos usos de si do engenheiro civil e influenciador digital Marcelo Akira na resposta a demanda circulada pelo usuário Juliano na trigésima quarta edição do “programa quero construir” pode ser visto abaixo:

⁹ Ver minutagem (01:07:42 até 01:08:56). Disponível em: <<https://youtu.be/U3kBRagnieM>>.

Figura 2 – Usos do corpo-si do engenheiro Marcelo Akira no “programa quero construir”



Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

A ergologia sustenta que “existe um jogo de valores dentro do ato de trabalho para arbitrar os debates de normas, mas não podemos dizer o que são esses valores, porque são sempre retrabalhados pela própria atividade” (SCHWARTZ; FÍGARO, 2008, p. 99). O influenciador digital vai tratar a demanda da audiência mobilizando seus patrimônios – axiológicos, epistêmicos e praxiológicos – reinterpretando as normas antecedentes e criando normas inéditas ao circular a informação técnica desejada nas produções audiovisuais do canal. As tomadas de decisão do engenheiro civil Marcelo Akira fazem veicular informações de caráter orientativo na plataforma sociodigital. As *lives* do “programa quero construir” disponibilizadas no canal acolhem as demandas dos espectadores e os interesses socioeconômicos dos atores envolvidos – YouTuber, grupo

controlador do YouTube (Google), acionistas e os patrocinadores. Como efeito, qualquer “entidade econômica empregando homens e mulheres é um tubo de ensaio onde se retrabalham mais ou menos valores de civilização, onde se juntam projetos e heranças na cooperação e nos antagonismos” (SCHWARTZ, 1996, p. 121).

Pesquisar e consumir informações da engenharia civil nos meios digitais sem debetê-las no seu contexto de aplicação pode levar a uma compreensão inadequada dos processos e das técnicas envolvidas. Na edição 44 do “programa quero construir”, o YouTuber entabula uma reflexão sobre a passividade da audiência ao consumir e aplicar informação sem verificação nas suas atividades cotidianas:

Qual é a minha maior crise? É as pessoas serem somente espectadoras do YouTube e já sair fazendo um monte de coisas, não! O YouTube tem muita coisa boa, mas existe muita coisa ruim, mas é o mercado que dita a realidade, o mercado da minha cidade eu expresse aqui, mas na sua cidade pode ser diferente. Olhar pro Youtube é importante, tem muita informação relevante, mas não dá pra tomar como verdade! Eu estou aqui passando uma informação pra vocês e dizendo: verifique se a minha informação é verdadeira, não tome o que eu falo como verdade absoluta! Pesquise, questione, traga esse senso de cuidado e questionamento para sua vida!

O influenciador digital ao convocar os espectadores a refletirem sobre os conteúdos veiculados no YouTube, possibilita aos seguidores e membros do canal avaliarem as informações circuladas e o contexto da sua aplicação – uma ação fundamental em ambientes de restrição orçamentária. Os esforços gerados nesse processo instigam os cidadãos-usuários a debaterem as informações que consomem, mitigando problemas ambientais, construtivos, profissionais e trabalhistas.

As decisões a serem tomadas na atividade exigem uma avaliação criteriosa da dialética normas/renormalizações pelo corpo-si, suscitando o exame e a coletivização das reservas de alternativas desenvolvidas no labor. Os produtores de conteúdos farão uso de suas reservas de alternativas, reelaborando as normas antecedentes, circulando novos conhecimentos e impedindo a modelização da atividade laboriosa.

O produtor de conteúdo toma decisões buscando amalgamar os interesses financeiros (monetizações, relevância profissional e captação de novos clientes) e sociais (conteúdos assertivos e reconhecimento da comunidade), disseminando produtos audiovisuais que engajam a sua audiência no YouTube. São escolhas de vida que produzem experiência, suscitando a construção social do corpo-si.

4. Considerações Finais

Nosso trabalho buscou analisar criticamente, à luz da perspectiva ergológica, os usos do corpo-si nas práticas de produção e compartilhamento de conteúdos no “programa quero construir” exibido no canal “Marcelo Akira” hospedado no YouTube. Para alcançar tal objetivo, procuramos identificar tanto as normas que antecedem o trabalho do YouTuber quanto as renormalizações operadas pelos usos do corpo-si. Como resultado do desconforto intelectual frente a complexidade do território sociodigital, produzimos uma cartografia ergológica do “programa quero construir” para localizar e mapear os usos do corpo-si que ensinam a produção e o compartilhamento de produtos audiovisuais, difusores de saberes e valores da engenharia civil no YouTube. A cartografia ergológica do “programa quero construir” exibido na plataforma sociodigital, como operador metodológico, é uma lente que permite elucidar e produzir novos conhecimentos sobre os usos do corpo-si na produção e circulação da informação em tempo real no YT, atingindo o objetivo que norteou a realização deste trabalho. As dramáticas de uso do corpo-si ocorrem em diversas etapas da produção e circulação da informação técnica no canal “Marcelo Akira”, o gerenciamento das variabilidades na realização da *live* do “programa quero construir” pelo corpo-si do engenheiro civil Marcelo Akira vão desde as economias do corpo (poupando a voz e reduzindo a duração da *live*) até a forma de lidar com as interferências externas (ruídos de veículos) que prejudicam a exposição do raciocínio, as perguntas publicadas no chat pelos usuários da plataforma sociodigital, reinterpretando-as, procurando atender às expectativas dos seguidores que buscam uma informação assertiva. O corpo-si do engenheiro civil Marcelo Akira engendra suas próprias normas de vida ao circular valores e produzir conhecimentos amparados na sua experiência profissional.

5. Referências

CANGUILHEM, Georges. Meio e normas do homem no trabalho. **Revista Posições**, Campinas, vol. 12, n. 2-3, p. 109-121, 2001. Disponível em: <<https://cutt.ly/fmPL89m>>. Acesso em: 14 ago. 2023.

CRAWFORD, Kate. **Atlas of ai**: power, politics, and the planetary costs of artificial intelligence. New Haven: Yale University Press, 2021.

DURRIVE, Louis; JACQUES, Anne-Marie. O formador ergólogo ou “ergoformador”:

uma introdução à ergoformação. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (orgs.). **Trabalho & Ergologia**: conversas sobre a atividade humana. 2 ed. Niterói: EdUFF, 2010. p. 295-308.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.

REVUZ, Christine Trémolières; NOËL, Christine; DURRIVE, Louis. O trabalho e o sujeito. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (orgs.). **Trabalho & Ergologia**: conversas sobre a atividade humana. 2 ed. Niterói: EdUFF, 2010. p. 225-246.

SCHWARTZ, Yves. Pensar o trabalho e o seu valor. **Revista Ideias**, Campinas, vol. 3, n. 02, p. 109-121, 1996. Disponível em: <<https://cutt.ly/G0aptdD>>. Acesso em: 14 ago. 2023.

SCHWARTZ, Yves. Circulações, dramáticas e eficácias da atividade industriosa. **Revista Trabalho, Educação & Saúde**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 1, p. 33-55, 2004. Disponível em: <<https://cutt.ly/8I40N54>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SCHWARTZ, Yves. Produzir saberes entre aderência e desaderência. **Revista Educação Unisinos**, São Leopoldo, vol. 13, n. 3, p. 264-273, 2009. Disponível em: <<https://cutt.ly/KIXS6Ng>>. Acesso em: 16 ago. 2023.

SCHWARTZ, Yves. O enigma do corpo no trabalho. **Revista Ergologia**, França-Portugal, vol. 12, n. 22, p. 141-164, 2019. Disponível em: <<https://cutt.ly/t5lwUTg>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

SCHWARTZ, Yves; FÍGARO, Roseli. Um passeio pelo bosque da filosofia: Yves Schwartz, um pensador da atividade humana, sempre inédita e regida por valores. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, vol. 13, n. 2, p. 93-102, 2008. Disponível em: <<https://cutt.ly/4LhEnEr>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SCHWARTZ, Yves; DUC, Marcelle; DURRIVE, Louis. Trabalho e uso de si. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (orgs.). **Trabalho & Ergologia**: conversas sobre a atividade humana. 2 ed. Niterói: EdUFF, 2010. p. 191-206.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. Glossário da ergologia. In: DI RUZZA, Renato; LACOMBLEZ, Marianne; SANTOS, Marta (eds.). **Ergologia, trabalho e desenvolvimento**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2018.